

*Que Cristo cresça e que o "eu"  
desapareça n'Ele*



**Homilia do Pe. Ernesto Popelka, Capela Santa Teresinha,  
Tijuana, 4 de dezembro de 2011.  
Segundo Domingo do Advento.**



## LEITURA DO EVANGELHO DE SÃO MARCOS (1, 1-8):

“Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus. Conforme está escrito no profeta Isaías: *‘Eis que envio o meu mensageiro diante de ti a fim de preparar o teu caminho; voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, tornai retas suas veredas’*. João Batista esteve no deserto proclamando um batismo de arrependimento para a remissão dos pecados. E iam até ele toda a região da Judéia e todos os habitantes de Jerusalém, e eram batizados por ele no rio Jordão, confessando seus pecados.

João se vestia de pelos de camelo e se alimentava de gafanhotos e mel silvestre. E proclamava: *‘Depois de mim, vem àquele que é mais forte do que eu, de quem não sou digno de, abaixando-me, desatar a correia das sandálias. Eu vos batizei com água. Ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo’*”.

### **Introdução:**

No domingo passado iniciávamos este tempo de Advento tomando ao profeta Isaías como um dos protótipos ou símbolos preparatórios que nos acompanham nesse tempo de Advento. Precisamente como aquele que profetizava, anunciava e alertava sobre a próxima e iminente vinda do Messias, especialmente nos capítulos 7, 8, 11, capítulos tão formosos que vamos lendo ao longo desse tempo litúrgico. Também refletíamos sobre o caráter profético, não somente como aquele que vê para frente, mas como aquele que vê para dentro, o que conhece a si mesmo, o que conhece a alma. Quem conhece a si mesmo, também se abre para

conhecer a Deus. A isso nos referíamos no domingo passado com todo o caráter do profetismo do povo de Israel. Também, logicamente, presente na Israel atual que é a Santa Mãe Igreja.

1) Porém, hoje tomamos um segundo personagem que também nos leva pela mão neste caminho preparatório ao nascimento do Senhor, não somente no 25 de dezembro, mas quando Ele se dispõe a nascer em cada um de nós, para estar com os olhos bem abertos, com o azeite e as lâmpadas acesas – como disse aquela parábola das dez virgens (Mt. 25,1-13) – para que não percamos a vinda (Advento) e a grande oportunidade da vida. Este segundo personagem é precisamente João Batista, aquele que, como acabamos de ler, na solidão, na austeridade do deserto, prega um Evangelho de conversão. Prega a urgência do iminente, como diria Antoine de Saint-Exupéry no Pequeno Príncipe: “*quando fiz o desenho dos baobás – falando dos perigos da vida – o fiz com sentido de urgência. ‘Crianças tomem cuidado! Crianças estejam atentas!’*” Ele nos fala ao coração, como que dizendo: “Não se distraiam, está próximo o momento, já soou o terceiro sinal, já estamos a ponto de abrir a cortina para iniciar a peça teatral!” João Batista tem muitas características que nos inspiram, razão pela qual Jesus mesmo disse sobre ele: “*esse é o maior entre os nascidos de mulher*” (Lc. 7,28). O próprio Jesus lhe presta homenagem, por muitos motivos: por seu modo de vida, por seu profetismo, por sua intransigência, por sua fidelidade, por sua pobreza, por sua liberdade de espírito. E mais: até compomos umas ladainhas que temos lido aqui quando chega o momento do Batismo de Jesus, repassando todas as características do Batista.

São muitas as características do Batista que nos impressionam! Mas hoje, levando em conta estas palavras e outras que se apresentam no

Evangelho, tomamos a João Batista como aquele **modelo de experiência cristã e religiosa, de abandonar-se nas mãos de Deus, de deixar de atender a nós mesmos, dessa capacidade de negarmos a nós mesmos, para que seja o próprio Senhor quem conduza nossas vidas.** Por isso comecei dizendo-lhes – como diria um antigo teólogo da Igreja, Meister Eckart – que provavelmente o “não fazer nada seja o mais difícil de fazer, porque sempre estamos tentando “meter a colher”, sempre estamos tentando decidir, influenciar, atuar de alguma maneira. Também segue presente o “eu” detrás de muitas tarefas “serviçais ou bem-intencionadas” como forma de aparecer, de estar presente.

Curiosamente, a psicologia também vem nos ajudar nesta experiência. Na maioria das vezes encontramos um mundo massificado ou arrastado pelos meios de comunicação, pelas modas, pelas maiorias, pelas opiniões. Um dos artigos de hoje de “Presencia<sup>1</sup>” trata sobre como os meios de comunicação estão nos influenciando, não somente o rádio, a imprensa e a televisão, mas os meios cibernéticos. No domingo passado debochamos de quem pedia confissão pela Internet, até com pseudônimos ou com apelidos. A noite estava vendo um documentário – não é o momento, mas para que vejam de que maneira acontece isso que lhes digo – onde uma professora alemã dizia, curiosamente, que um dos descobrimentos aparentemente mais significativos para a cultura moderna, como o Google, é também um dos piores venenos. Observem o porquê: porque os alunos, como tantos outros, crendo que investigam, crendo que estudam, copiam o que aparece na internet e parece que realizaram eles próprios a tarefa. E então, eliminam todo o processo educativo de aprofundamento, de reflexão, de investigação e precisamente de estudo; que é o que se trata na escola.

---

<sup>1</sup> Revista Mexicana

Portanto, isso é o que nós chamamos vulgarmente de massificação: fazer o que todo mundo faz, fazer o que está na moda, entrar no facebook, no twitter, assistir TV, olhar notícias, o jornal, as modas, as culturas, os clichês. Clichê significa frases ou pensamentos que parecem ser próprios, mas que são repetidos por todo mundo, porque escutamos aqui e depois repetimos: “eu penso tal coisa da vida, eu penso do aborto tal outra, eu penso das relações pré-matrimoniais tal outra, eu penso das drogas tal...”. Mas isso são frases ou assuntos totalmente plagiados, totalmente copiados. Não sei o que pensa originalmente, no fundo, a pessoa.

Portanto, isto não é uma aula de psicologia, é para mostrar como a massificação, o fato de hipotecar nossa personalidade a favor dos grandes reizinhos do momento, nos manipulam e nos iludem com espelinhos coloridos. Depois protestamos contra Cuauhtémoc, Moctezuma<sup>2</sup> ou contra os antigos indígenas que às vezes se deslumbravam com o que os espanhóis traziam. Mas nós nos deslumbramos com coisas menores que as que deslumbraram Cuauhtémoc e Moctezuma. O que acontece é que agora os espelinhos estão decorados de progresso, de ciência, de cibernética, de evolução. E lá vamos nós como mansos cordeirinhos atrás dos Hernán Cortés<sup>3</sup> destas épocas.

Portanto, significa uma grande tarefa recuperar toda essa libido, energia, tensão, amor e carinho que colocamos nas coisas despejando-as em nossa própria personalidade. Ou seja, separar-nos, desidentificar-nos com a massa, para atingir nossa personalidade: o que é que eu penso? O que eu quero? O que eu desejo? O que eu decido? Ainda que todos os

---

<sup>2</sup> Governantes astecas.

<sup>3</sup> Conquistador espanhol conhecido por ter derrubado o Império asteca de Montezuma e conquistar o centro do atual território do México.

demais opinem diferente, eu desejo tal coisa; o “eu”, tentar alimentar o que é o “eu”, descolando-o da massa para que não te manipulem, para que não te pressionem, para que não te condicionem, para que sejas tu mesmo, seja tu mesmo. Quantas correntes psicológicas insistem nisso, para que sejamos nós mesmos?!

Mas a história não termina aí, pelo contrário, aí começa, é o primeiro passo: passar da massificação ao individual. Mas depois, quando temos o individual, quando já conseguimos perfilar nossa personalidade, vem esse passo que, nos termos do Batista, é: “convém que o “eu” – coloquei com picardia no mural “que o ‘eu’” – desapareça para que Ele cresça em nós”. A personalidade humana em si mesma não é a meta da felicidade, senão que alcançando nossa personalidade, nossa individuação, nos orientemos a entregá-la. Se alcançamos a liberdade não é somente para acumulá-la, mas para entregá-la a um outro. O amor é a finalidade, a felicidade. Portanto, quando alcançamos nossa personalidade – pois deveríamos alcançá-la – não é para nos apropriar dela, poupá-la ou possuí-la; é para entregá-la. E, nessa entrega, depois que recuperamos a liberdade, resgatando-a da massificação, aí começamos a viver o amor plenamente, exercemos a liberdade, porque a entregamos. Mas só se pode resgatar o que se tem, não é mesmo? Eu não posso dar um presente que não seja meu. Tenho que comprar algo com o meu dinheiro, comprar o presente e depois entregá-lo. Eu não posso pegar algo do próximo e presenteá-lo a outro próximo. Isto seria um passar de mãos e não uma oferenda. Se oferece, se oferta, se presenteia o que se tem. Não se pode presentear o que a gente não tem. Portanto, quando queremos presentear nossa pessoa, quando queremos entregarnos, quando queremos seguir a Deus, quando queremos entregar nossa vida ao amor, em uma vocação, em um ideal, primeiro temos que ter e

possuir nossa própria pessoa. Não podemos pretender nos entregar quando nossa própria personalidade vai um pouco com o marido, um pouco com a esposa, com o dinheiro, com os filhos, com a moda, com o Google. Não. Primeiro temos que recuperar. Depois, tendo o capital, entregá-lo a Deus.

Isto se chama passar da massificação à individuação, e da individuação passamos à totalidade: passamos à entrega, a nos lançarmos. Primeiro deve-se controlar as potências que temos dentro de nós, como o mergulhador olímpico que deve dominar sua ansiedade, seus nervos, sua vertigem, não para ficar no trampolim, mas para lançar-se. Primeiro deve subir no trampolim, o que é difícil. “É horrível! Dá medo! Olha o que vais fazer!”. Primeiro deve controlar todos esses temores, medos, dependências, ansiedades, pressões, ressentimentos, tudo isto que são faculdades humanas, e ficar ali, como os mergulhadores olímpicos, que lindo! Os vemos no panamericano, Paola Spinoza estava ali ou Yael Castillo, concentrando todas as suas potências, para quê? Para jogar-se! Bendito seja Deus! Quem poderia fazer isso! Não? É lindo. Essa capacidade de concentrar-se, como também tem o arqueiro. Quando o arqueiro se concentra, o faz para que a flecha voe longe e acerte o alvo. Mas deve ter um controle mental, em qualquer esporte de alta competência.

Isto que estou lhes dizendo é o que, de alguma forma, religiosamente falando, é o Batista. Recuperem tudo o que foi derramado, esbanjado no mundo, no material, nas ansiedades da vida; recolham todos os remendos de suas personalidades que andam por aí e junte-los. Para quê? Para que a oferenda seja consistente, para que o que entreguemos seja nossa própria vida. E, portanto, o Batista disse isso. Recordo que o mesmo ocorreu com aqueles grandes descobrimentos de Copérnico ou de

Galileu. Quando antes acreditavam que a terra era o centro do universo, como o “eu” era o centro da personalidade, mas depois veio Copérnico e veio Galileu e disse: “não, o “eu” – a terra – é simplesmente um pequeno planeta dentro do sistema solar, onde o sol é o centro”. Por isso foram criticados. Aquele grande descobrimento que deslocou o centro do universo, que era o eu ou a terra, para o sol; e nos colocou como formiguinhas girando ao redor do sol. Isso também disse a psicologia, e é também o que disse João Batista: “Convertam-se de seus pecados, purifiquem-se, limpem-se, batizem-se”. Para quê? Para ficarem mais lindos, mais guapos, mais limpinhos? Não. Para entregarem-se, para que quando se entreguem ao amor isso realmente seja satisfatório. *“Endireitai o caminho... aquele que vem depois de mim, do qual não sou digno de desatar a correia da sandália”* (Jo 1,22-28). E isso que o Batista é o maior de todos os nascidos de mulher! *É necessário que Ele cresça e que eu diminua* (Jo 3,30) e desapareça; não por ser eliminado, mas por ser absorvido por Quem vem atrás de mim. Como os rios que dirigem suas torrentes ao mar ou a outro rio que tem uma capacidade ou uma torrente muito maior. Esse é o sentido religioso da oferenda, da entrega.

Santa Teresinha – que parece tão acanhadinha e tão inofensiva – em suas cartas às candidatas ao monastério lhes dizia: “primeiro tens que ser mulher, primeiro tens que ter tua personalidade”; a palavra que usa Teresinha é: “ter êxito no mundo”. Primeiro, passa em teus exames, primeiro soluciona teus conflitos, primeiro reconcilia-te com quem tens inimizado, primeiro enfrenta o que tens medo, primeiro supera o que tens. E isso podes resolver de hoje para amanhã, não há tempo para perder, não há problema, depois, vem para o convento. E isto é o que disse o Batista: primeiro arrependam-se, convertam-se, possuam-se, amadureçam, assumam riscos, tomem decisões, sejam fiéis, sejam fiéis a

vocês mesmos. Mas para fomentar o “eu”? Não, para entregar o “eu”. Assim que tenhas esse capital, não o desperdices, não o deprecies, cuida para que não te roubem, cuida-o, junta-o. Para quê? Para conservá-lo? Não, para gastá-lo num verdadeiro negócio. Perdoem as palavras de Copérnico, da astronomia, psicologia, de onde seja. Mas é para entender isto que hoje o Batista está nos iluminando. Trata-se dessa perda, essa dissolução do “eu” no *si-mesmo*, da pessoa humana na Pessoa divina.

2) E isso não são invenções de João Batista, isso são ecos do próprio Cristo, que tantas vezes ao longo do Evangelho vai nos dizendo que *“quem não se nega a si mesmo não é digno de mim; quem não carrega sua cruz e me segue não é digno de mim; quem busca a si mesmo se perderá, mas quem se perde a si mesmo por mim, se salvará”* (cf. Mt 10,38; 16,24-26; Lc 17,33; Mc 8,34-38). São todas palavras de Jesus. E mais: há uma tradução no Evangelho de São João que coloca na boca de Cristo: *“quem não odeia a si mesmo não é digno de mim”* (cf. Jo 12,25). Ou seja, com essa atitude: primeiro de amar-se a si mesmo – primeiro mandamento: amarás ao Senhor e ao próximo *como a ti mesmo* – mas, depois que te ames a ti mesmo, é para amar a Deus. Primeiro mandamento para entregar-te. Isso quem alcança é o próprio Cristo, que não só disse, mas que o fez na Cruz. E como disse São Paulo aos Filipenses: *“Mas esvaziou-se a si mesmo e assumiu a condição de servo”* (Fl 2,7). Portanto, é Cristo o protótipo, o modelo, com seu exemplo, com sua palavra. E tantas frases que às vezes são difíceis de entender, isso de perder-se, de negar-se, aborrecer-se, esquecer-se de si mesmo, não pensar em si, deixar o “eu” de lado, abandonar aos desejos, aos pensamentos, e às vontades. Tudo ao qual primeiro tivemos que ter, para depois poder ofertar.

3) E isso também é o que a maioria dos santos fizeram – para não dizer todos. Todos os santos que resplandecem no firmamento, o são porque primeiro trocaram suas luzinhas pela luz de Cristo. Como se entregassem seus pequenos isqueiros ao foco que iluminava o firmamento, Sol de justiça. Por isso brilham e por isso os reconhecemos, porque foram capazes de juntar seus vaga-lumes, pequeninos, à energia todo-poderosa da luz celestial de Cristo. Assim encontramos em São Paulo, em Gálatas 2, 20: “*já não sou eu, mas é Cristo que vivem em mim*”, esqueço-me de mim mesmo, ele dirá, “*e corro para meta*”, porque quero chegar a Cristo, que é o único que me interessa (cf. Fl 3,7-16). “*Esquecendo-me de mim corro para Cristo*”, disse Paulo constantemente (Fl 3,13). Ou também Isabel da Trindade que disse: “*eu já não sei mais nada de mim mesma, mas o único que quero saber é o que Deus me ilumina; isso é o único que me interessa. Já não me preocupo se tenho fome, se tenho sede, se tenho medo, já não importa, que Deus se preocupe de mim, eu vou me preocupar d’Ele*”. E mais, até o próprio Jesus Ressuscitado disse a Pedro: “*vais ir aonde outro te conduza*”, não vais mais decidir tu mesmo (Jo 21,18-19). Aquele que teve primeiro que renunciar ao mundo em torno da Galiléia e fomentar sua personalidade – Pedro tinha também uma personalidade muito forte, muito firme, muito decidida – mas assim que esteve bem decidido em sua personalidade e sabia bem o que queria, o próprio Cristo lhe disse: “*Bem Pedro, chegará um momento em que outro te tomará e te levará onde tu nem sequer imaginas e serás como um cordeiro rumo ao matadouro ou como o amante que se entrega por amor, com gosto, entregando tua liberdade*” (cfr. Jo 21,15-19). E já que estamos falando dos santos, se pode citar Tomás Kempis em seu livro Imitação de Cristo, onde fala

constantemente de negar-se a si mesmo, de odiar-se a si mesmo – contrariamente ao que hoje a psicologia insiste: a autoestima – de não ter a estima em si mesmo, mas de tê-la em Deus. Repito, não como um depressivo, como um complexado ou como quem está transbordado pelos temores. Não. Primeiro disse: recupera-te a ti mesmo, mas em seguida esquece-te de ti mesmo, como disse o salmo [45(44), 11]: esquece-te de ti mesma, “*porque o Rei está encantado com tua beleza*” (v.12), Deus quer te levar consigo, já não penses mais em ti mesma – disse à princesa elegida por Deus. Portanto, os santos permanentemente fizeram isso.

4) Mencionei-lhes a psicologia onde temos páginas formosíssimas onde isto está explicado desde o ponto de vista psicológico, que às vezes é mais religioso que nossos próprios planos pastorais. Porque às vezes até mesmo na terapia profunda, ou de uma psicologia honesta e sincera, onde o indivíduo é honesto consigo mesmo, há um passo no qual dizemos que o eu – ao que devemos ter fomentado, reconstruído, fortalecido e cimentado – também “se dissolve em contemplar”. Em contemplar outra personalidade interior que não é da pessoa, mas que está dentro dela. Chamam-lhe de “*si-mesmo*”, chamam-lhe Emanuel (como Isaías também lhe vai chamar), chamam-lhe Deus-conosco, a Imagem de Deus – como marca ou como selo na alma humana –, chamam-lhe de muitas maneiras. Nós lhe chamamos “Jesus”, Centro do universo, Rei do Universo, o Amor do Pai, Centro da Trindade e Amor de todos os nossos corações.

5) E ao mesmo tempo que a psicologia fala disso, repito, também fala disso a astronomia, a economia, etc. – nós usamos distintas linguagens – disso também fala a Santa Missa. Simbolicamente – diria Carlos Gustav Jung – é como o rito do processo de individuação, em que a gente amadurece, desenvolve sua pessoa, mas também se entrega e

deixa pensamentos, intenções, afetos e sentimentos ruins para que seja Deus em nós. Por isso, o pão e o vinho constituem a oferta não somente do que temos feito; mas constituem a oferta de nossa própria pessoa. Pão e vinho são símbolos do fruto do trabalho de ter recuperado e amadurecido nossa personalidade. Para quê? Para que seja Cristo quem habite em nós. E por isso dizemos que também está incluído nas ofertas quem a recebe. As entregamos nas mãos de Cristo. Faz-se o paralelo com Abraão que era o sacrificador de seu filho Isaac no altar de Moriá – aquela montanha onde Abraão foi sacrificar Isaac e acabou não o fazendo (cf. Gn 22). E a gente diria: o pai vai sacrificar o filho, mas quem sofre não é tanto o filho, mas o próprio pai. E, portanto, tudo o que fazemos no altar – com o pão, o vinho, a mistura da gotinha de água que se dissolve no copo de vinho – significa também o que o caminho cristão, e hoje São João Batista, nos indicam: deixa-te dissolver, deixa-te comer, deixa-te tomar, não tenhas medo, pois é Deus quem agora vai te tomar. Deixa-te tragar. Há antigos Evangelhos que não são canônicos, mas apócrifos, que dizem isso também: “Quero comer-te – nos disse Cristo – e quero que me comas, quero que tu me deixes entrar em tua vida e quero que tu entres na minha. Quero dissolver-me em tua vida, mas também quero apropriar-me de tua vida, como tu te aproprias da minha”. Esse é o mistério do amor, esse é o milagre do amor, esse é o milagre da transubstanciação – tecnicamente falando – em que um pouco de pão e um pouco de vinho (bem baratos, como nossas vidas) se transformam – pela graça de Deus e por nossa fé – no Corpo e no Sangue, na Alma e Divindade de Cristo, nosso Salvador. E ali todos alcançamos nosso verdadeiro valor, não por nossos méritos, mas pelos méritos de Cristo que se entregou na Cruz.

Finalmente, como não pode ser de outra maneira, a quem vamos invocar junto a Isaias, junto a João Batista, senão a Maria Santíssima,

modelo de acompanhante nesse tempo de Advento. A Maria hoje, neste segundo domingo do Advento, domingo de deixar-nos dissolver por Cristo, invocamo-la por aquilo que a própria Maria fez e expressou dizendo: “*Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo tua palavra!*” (Lc 1,38). Que se faça segundo tua Vontade, que se faça como tu queres e não como eu quero, a exemplo de Cristo, que no Getsemani disse: “que se cumpra, Pai, tua vontade, e não a minha” (cf. Mt 14,36; Mt 26.39; Lc 22,42). Maria Santíssima se entregou à Vontade de Deus. E é vontade de Deus, que se encarnara nela seu próprio Filho, que se encarnara nela o Filho de Maria, que se encarnara nela o Filho também de nossas almas, nossa conquista, nosso objetivo, pela entrega, pelo amor e não pela violência, nem pela coação. Digo: fruto, Filho, resultado, do Pai, de Maria e de nossas almas, que é nem mais, nem menos que Jesus Cristo, Filho do Pai, Filho de Maria, de nossas almas, nosso Salvador.

Que assim seja.